

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

AO CHRONISTA

DA

ROSA BRASILEIRA.

Chronista da Rosa desempenha o mister de escriptor publico maravilhosamente! Diz que o papel de *Suzana* não estava nas forças da Sra. Jesuina Montani, e por isso que o director lho tirou no dia da sua representação!... O *Chronista* não se lembra que essa manciara de escrever pôde muitas vezes ser prejudicial a um actor, e é sempre uma baixesa, por qualquer insinuação perfida desacreditar um artista seja elle quem for?

uma criança, e levou-a para o quarto immediato.

Amaury quiz seguil-o.

— Ficai, senhor, disse-lhe retendo-o na porta, ficai eu vol-o ordeno.

-- Mas ella! exclamou Amaury com as mãos postas, não vêdes que tem necessidade de soccorros!

— Por ventura não sou eu medico, disse M. d'Avrigny.

— Perdão, senhor, balneiou Amaury, eu suppunha, não desejava ausentar-me sem saber....

— Obrigadissimo, meu caro.... obrigadissimo pelo vosso interesse. Porém, ficai tranquillo, Magdalena está comigo e os cuidados de um pae nunca faltam. Por tanto, passai bem, e adens!

Para não faltarmos á verdade n'aquillo que escrevemos, foi-nos preciso indagar como as cousas se passaram, para darmos ao collega o exemplo do reflectir antes de escrever.

Para domingo 28 de outubro foi annunciado o drama *Dote de Suzana*, desempenhando o papel de protagonista a Sra. Montani. No dia antecedente (sabbado de manhã) esta Sra. deu parte de doente, por que na realidade ha muito tempo o estava; entretanto no domingo os jornaes de manhã, e cartazes de tarde, annunciaram ao publico a representação do drama. Como a

— Até outra occasião, disse o mancebo

— Adeus! repetiu M. d'Avrigny com olhar gelado; e com o pé empurrou a porta que se fechou sobre elle e Magdalena.

— Amaury ficou no mesmo lugar immovel e aniquilado.

Ouvin-se no mesmo instante soar a campainha, e immediatamente entrou Antonieta com mistress Brown.

— Meu Deus! exclamou Antonieta, o que tens, Amaury? como estás tão pallido e desfigurado! Onde está Magdalena?

— Moribunda, moribunda, exclamou Amaury. Ide depressa, mistress Brown, ide vel-a; os vossos soccorros são-lhe muito precisos.

Mistress Brown precipitou-se para o quarto que Amaury lhe indicava.

Sra. Montani não podia desempenhar a parte, nessa noite, foi o drama transferido.

Na segunda feira foi dado o papel à Sra. Gabriella, talvez na persuasão de que a doença da Sra. Montani fosse longa; esta Sra. para não prolongar por mais tempo a representação de uma peça que já estava annunciada, e em que ella fazia o principal papel, deu parte de prompta na terça feira, no dia immediato àquelle em que o papel foi dado à Sra. Gabriella!! E note o collega, deu parte de prompta apesar de não estar boa!...

Comtudo esta circumstancia não valeu nada para o director do theatro de S. Januario. S. S. deu o papel a quem muito bem lhe pareceu: — não lhe contestamos esse direito; — o que censuramos foi que enganasse o publico; foi que mudasse a protagonista do drama sem ao menos annunciar (ainda que fosse em typo mudo) que o papel ia ser leito por outra actriz!

E para que a obra não ficasse imperfeita Sra. Montani foi n'essa mesma noite, no fim do drama, fazer parte de um quarteto

— E porque não entras tambem, Amaury? disse Antonieta.

— Porque elle me repelliu, Antonieta! exclamou Amury.

— Mas quem?

— M. d'Avrigny, o pae de Magdalena!

E tomando o chapêu e as luvas, sahiu como um louco.

CAPITULO II.

AMAURY entrando em casa, encontrou um dos seus amigos que o esperava: era um joven advogado que fôra seu collega em Santa Barbara, e depois na escola de direi-

com as Sras. Vellutti, Ricciolini e o Sr. De Vecchy!

O publico comprou bilhete para ir ver a Sra. Jesuina Montani alcançar mais um triumpho, ganhar mais um diamante para engastar na sua já tão brilhante corôa artistica, e não havia de ficar muito satisfeito (como nos aconteceu) de lhe *impingirem* gato por lebre!

O *Chronista* se reflectisse quando escreveu o seu artigo não diria o barbarismo — de que o papel não estava nas forças da Sra. Montani. — Diga-nos: O papel de *Maria na Graça de Deus*, de *Luiza na Filha do Cego*, e o de *Maria no Frey Luiz de Souza*, são por ventura menos fortes do que o de *Suzana*? O collega se não tem a consciencia muito elastica ha de concordar connosco, que a Sra. Montani não deixou nada a desejar no desempenho d'esses papeis, por consequente o de *Suzana* não seria peor desempenhado.

O collega pãde dizer o que quizer; a reputação artistica que esta Sra. tem alcançado está muito superior ás intrigas

to, e como elle bacharel. Tinha pouco mais ou menos a mesma idade que Amaury; apesar, porém, de possuir uma fortuna independente, isto é, que rendia vinte mil libras pouco mais ou menos, descendia de uma familia plebéa e sem illustração alguma. Chamava-se Philippe Auvray.

Amaury foi prevenido por seu criado grave d'esta intempestiva visita; a sua primeira idéa foi subir directamente para o seu quarto e deixal-o esperar até aborrecer-se. Porém Philippe, era tão bom moço que Amaury julgou não dever destratal-o assim. Entrou pois, no pequeno gabinete de trabalho onde seu amigo o esperava. Assim que o avistou, Philippe levantou-se e foi ao seu encontro.

— Por Deus, meu caro amigo, disse-lhe

mesquinhas e insinuações perdidas de qual-quer jornalista parcial.

Por ultimo o contemporaneo quiz desmentir a sua *innocencia* atirando-nos uma rapada que pouco nos abalou: a nossa birola, collega, só mede — imparcialidade — logo, a adulação e a servilismo nao podem ser por ella medidos!

Sr. *Chronista*, sympathisamos tanto com a sua pessoa que ainda mesmo que nos pedisse que o crucificassemos nas columnas do AMOR PERFEITO não o faziamos, porque — ficaria a *Rosa* sem um chronista tão noticioso, os bailes sem um historiador tão profundo, os theatros sem um apreciador de tão bom gosto, os actores sem um pa-negerista que tanto entende da arte de declamar, e finalmente o publico sem annunci-
cios com oito dias de atrazo. Demais a pena do *Chronista* nos é tão inoffensiva que seria cobardia atirarmo-nos *com furor* á sua chronica, mesmo porque nenhuma gloria nos resulta em combater um adversario que procura com afan mostrar-nos os calcauhares.

F.

o joven advogado, ha mais de uma hora que te espero. Já começava a impacientar-me e ia retirar-me, o que de certo teria feito ha muito tempo se não tivesse um serviço da mais alta importancia a pedir-te.

— Meu caro Philippe, disse Amaury, sabes como te estimo, não te enfades pois pela que te vou dizer: perdeste ao jogo ou tens um duella? são as duas unicas cousas que não se podem adiar; precisas pagar hoje? tens de bater-te amanhã? N'estes dois casos, minha bolsa e pessoa estão á tua disposição.

— Não, disse Philippe, é para uma cousa ainda mais importante, porém de muito menos urgencia.

— Escuta, meu amigo, disse Amaury,

AO VATE DAS DUAS VELLAS.

Q UANDO o incomparavel e delicado *Marmoteiro* passar da vida presente, terá quem houver de lhe fazer o funeral, mais de um epitaphio a escolher, porque lhe offerecemos este, e o *Cosmorama* já lhe fez offerta de outro. Póde mesmo o *faceto* da *Marmota* fazer em vida a opção; e, como é provavel que ainda appareçam outros, terá muito onde escolher; com isto não lhe desejamos a morte, pois somos christão, e temos força bastante para atmar mais um *mouturo*, no meio de tantos que ha por aqui por este nosso mundo.

Eis aqui o epitaphio, sem mais aquellas...

SONETO.

É justo que se acendam duas vellas »

GLOSA.

Na Bahia levei muita pancada,
Por eu não respeitar nem um estado;
Insultava o solteiro, e o casado,
Ultrajava a donzella, e a casada.

acaba de arontecer-me uma d'essas cousas que transtornam um homem completamente. Apenas sei onde tenho a cabeça. Assim, tudo quanto me disseres serão palavras perdidas, e apesar da extrema amisade que te consagro não te poderei prestar attenção n'este momento.

— Pobre amigo, disse Philippe; mas posso de minha parte servir-te para alguma cousa?

— Não te peço senão que transfiras para d'aqui a dois ou tres dias a confidencia que vihas fazer-me; deixa-me só com a minha dôr!

— Tu infeliz!... Amaury, infeliz quando tens um dos nomes mais illustres e a mais bella fortuna de França? Infeliz quando és conde de Leoville e quando tens cem mil

Em casa alguma ali já tinha entrada,
Era mesmo dos *sambes* enchutado;
Não comia vivia n'um cortado
Padecendo de *rafa* desesp'rada.

Vim p'ro Rio; passo como um *nababo*;
E se as minhas fortissimas mazellas
D'este *pôdre canastro* derem cabo;

Bem sôbre a minha campa, em honra d'ellas,
De cera dos ouvidos do diabo
« É justo que se acendam duas vellas. »

X***



CHAMOS tão *sublime* o seguinte soneto, que foi distribuído no theatro de S. Pedro d'Alcaotara na noite de 2 de dezembro, anniversario natalicio de S. M. I., e por seu autor offerecido ao mesmo Augusto Senhor, que não nos podemos furtar á tentação de o reproduzir nas columnas do AMOR PERFECTO. Chamamos a attenção dos vates, para que modelem as suas produções por

libras de renda! Bofê! confesso-te que é preciso ouvil-o de tua bocca para o acreditar.

— E entretanto assim é, meu caro, sim... sim... infeliz... bem infeliz! e parece-me que quando nossos amigos têm desgostos deve-se deixal-os sós com suas dôres. Philippe, tu nunca foste infeliz, pois que não comprehendes isto.

— Quer comprehenda ou não, Amaury, quando me pedes alguma coisa bem sabes que é meu costume satisfazer-te. Queres ficar só, desditoso amigo, adeus, adeus!

— Adeus, disse Amaury, deixando-se cahir em uma cadeira. E como Philippe sabia disse-lhe:

— Philippe, dize a meu criado grave que não estou em casa para ninguem, e que lhe

este chefe d'obra. (A orthographia é do autor.)

SONETO.

Com prazer vejo brilhar hoje o dia
De Dezembro dois no aureo Janeiro,
No Brasil entre todos o primeiro,
Pelos Brasileiros aliado com effeio.

A Côte se enche de gloria,
Os canhões annunciam o globo inteiro,
Teu anniversario lisongeiro
De PEDRO o nome traz a memoria.

Se Roma na historia um Trajano
Conta factos que abyssma o mundo,
O Brasil acha em seu Soberano

Um outro em virtudes tão fecundo;
Entoando sonoras vozes o arcado
Ouve-se bradar — *Viva Pedro Segundo!*

Por J. H. S. P. DA NOBREGA.

Este verso é allusivo ao saudoso nome do
Immortal Senhor D. Pedro 1.^o
(N. DO AUTOR.)

prohibo de aqui entrar sem minha ordem.
Não quero ver ninguem.

Philippe fez signal a seu amigo que des-empenharía a commissão, e depois abstou-se procurando em vão descobrir que estranha circumstancia poderia ter feito Amaury cahir em tão profundo accesso de misantropia.

Quanto a Amaury desde que heou só, deixou cahir a cabeça sobre os mões procurando lembrar-se em que poderia ter merecido a ira de seu tutor; mas nada pôde encontrar em sua memoria, que tão escrupulosamente interrogava, que lhe podesse dar a explicação d'essa ira inesperada que sobre elle havia descarregado; e entretanto toda a sua vida passada esteve diante d'elle, dia por dia.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 8.)

XIII.

O REPOSO DE TODOS, E A VIGILIA DE UM.

Desenvolta corren tola a partida,
E deshoras já eram bem subilas
Quando os rouvivas de folgar caucados
Demandaram repouso em doce leito.

Só ao somno não se curva
Quem ama com muito ardor,
E tem na sua presença,
O objecto do seu amor.

Todos dormiam, eu velando estava,
O compassado respirar sentindo
Dos felizes dormientes. Minha Sylpho
Tambem buscou repouso, mas reclusa
Entre quatro tyrannicas paredes
Ni m me o calor do ouvido bafejava
Com seu tenro arquejar, que de fadiga
Sem dúvida arquejava onde dormia!

Amaury, como o dissemos, era um d'esses honcens que o capricho da sorte enriquece de todos os dotes. A natureza criando-o fel-o bello, elegante e distincto, e seu pai morreu deixando-lhe um antigo nome, que tinha firmado seu lustre monarchico nas guerras do imperio, e uma fortuna de mais de milhão e meio confiada aos cuidados de M. d'Avrigny, um dos medicens mais distinctos da época, e a quem uma antiga amizade ligava a seu pai. Demais tinha visto sua fortuna, habilmente dirigida por seu tutor, augmentar-se quasi de um terço em suas mãos. Mas não obstante ter-se M. de Avrigny occupado cuidadosamente dos interesses pecuniarios de seu pupilo, quiz ainda velar em sua educação como si fôra seu proprio filho. Resultou pois, que Amau-

E eu solerte
Tu não velava
Juncto do leito
Em que ella estava!
Com seu descanso
Não descançei,
E do remanço
De seu socêgo
Eu não gozei

Gemia, e meus ais solicitando
Uma mensage ao bem que me roubava
Quia porta hem fragil, mas feixada
Pelas aldravas de pudo, da honra
Que a gazua do anhele abrir não tenta!
Pobre de mim, da minha Sylpho peito
Era mais insolfrivel meu suppho
Do que se en chorasse em longe estada!
Meus ais porém perdiam-se no ambito
Da vasta sala meu descanso dala.
Irriso! Descançar quem não se cansa?
O amor não fatiga, mata o amante
Sem não lhe as forças abatter com que ama!

XIV.

O LAGO.

De seus purpureos hotcens
Desabrocha a madruzada,
E lacvira, e namorada
Como a mais donosa fada,
A cor com o céu tingia
Da do lago a peret'ria.

ry educado junto de Magdalena, mais velho do que ella 3 ou 4 annos, sentia uma profunda ternura por aquella que o considerava como irmão, e um amor mais que fraternal crescia diurnamente em seu coração por aquella a quem por muito tempo chamára sua irmã.

As duas crianças, desde sua infancia, haviam formado na innocencia de suas almas, e na pureza de seus corações, o bello projecto de nunca se deixarem. O immenso amor que M. d'Avrigny tivera a sua mulher, morta aos vinte e deus annos, concentrou todo em sua unica fillia; este amor, pois, e o sentimento quasi paternal que Amaury conhecia ter-lhe inspirado fazia com que os jovens não duvidassem um unico momento do consentimento de M. de

Que pomposo espectáculo? Que magia,
Que sortilegio esta visão promove!
Era o lago um vasto espelho
Onde do céu se miravam
As estrellas que restavam
As raras nuvens que estavam
Com a cor do arrebol
Agonizando ante o sol,
Que lentamente subia

Por occultos degraus da serrania
Estava o lago quieto; as mansas ondas
Pregniosas dormiam nas aréas,
E mal leve marulho resomando,
Das aves as canções ouvir deixavam
Fazendo-lhes compasso primoroso!
Do meu peito era a antithese completa!
No seu leito dormi sem receio
Do genio das tormentas, doces cantos,
Almo sol, tudo tudo o emballava
E mais lhe o somno de prazer doirava!

En, agitado
gestallecido,
E pelo espirito
So protegido,

O contemplava absorto a Deus rogando
O pompasse ao furor de notto infando!
Ja hi alto dia, e os convidados,
Que já tinham nos braços do repouso
Haurido as forças que perdido haviam,
Começavam d'erguer-se de seus leitos.
Volvo os olhos do lago em que os fitava
Cada vez mais sedente em admirar-o,

Avrigny. Tudo havia finalmente concorrido para embalar-os na esperança do mesmo porvir, e era o objecto eterno de seus entretenimentos desde que ambos haviam soudado seus corações; as continuas ausencias de M. d'Avrigny, que se via obrigado a votar quasi todo o seu tempo á sua clinica no hospital de que era director, e ao instituto de que era membro, deixavam-lhe entretanto todo o tempo de levantar esses agradaveis castellos no ar, aos quaes a lembrança do passado e a esperança do futuro, davam a apparente solidez de edificios collossaes. Estavam elles pois n'esse ponto de sua vida, Magdalena tendo feito seus 17 annos e Amaury 22, quando o humor ordinariamente brando e affavel de M. de Avrigny se alterou. Acreditou-se a princi-

Vejo aquella por quem velára a noite
No meio de outras bellas a aguardar-me,
Vão a cumprimental a, e esquecer-me
Da vigilia, e tormentos que passara.
(CONTINAR-SE-HA.)

O MEU GOSTO.

Um semblante que escurece
A candidez do jasmim,
Uns olhos pretos, bem pretos,
Que encantos não tem p'ra mim !?

A côr morena me enleva,
E' sympathica, engraçada;
Uns olhos pardos, bem pardos
Tem não sei que, que me agrada !

Gósto de negras madeixas
Que vencem do ebano a côr;
Os olhos garços estimo,
Quando desmaiam de amor...

Louros cabellos ondados
Tem p'ra mim muita magia;
A pallidez n'um semblante
— E' doce melancolia... —

pio que esta mudança de caracter era motivada pela morte de uma irmã que elle muito amava, e que deixára uma filha da idade de Magdalena, sua amiga constante e companheira de seus estudos e divertimentos. Porém os dias e os mezes decorreram, e o tempo longe de desanuviar o semblante de M. d'Avrigny, o entristecia pelo contrario cada vez mais; e por uma singularidade, era quasi sempre sobre Amaury que descarregava esse máu humor, que de tempos a tempos recahia sem que se soubesse como nem porque sobre Magdalena, essa filha adorada por cuja mocidade elle havia espalhado esse thesouro de amor que encerra só o coração de uma mãe; depois por uma singularidade tão estranha como a que havemos dito, era a estouvada e alegre An-

Na escolha vacillo, todas
São bellas por excellencia:
Não sei qual rainha d'ellas
Terá minha preferencia!

Todas são encantadoras,
Quasi em perfeições iguaes;
Como hei de escolher a uma,
Si temo offender as mais?...

Si gosto da côr morena,
Si préso negros cabellos,
E captivam-me olhos pardos,
E sempre suspiro vê-las:

A côr rosiclea-jasminea?
Louros fios annelados?
A pallidez, olhos garços
Não rendem peitos gelados?

Mas se tu, ó natureza,
Tens thesouros exaurisses...
E de todas a belleza
A' uma só conferisses...

Por fim, ó bellas, ó anjos,
Me eximido do conflito,
A causa de tanto empenho
Em vossas mãos deposito:

Cada uma dê-me um beijo ..
A' porfia... os que quizer,
E depois... a preferencia
Tem aquella que *mais der*...

LUIZ DA CUNHA F. CRUZ.



CHARADAS.

Por atravez, por meio, — 2
Bens moveis em de raiz. — 2
Mulher resabida p'ra o mal:
Em geral toda a actriz.



Atraz sendo eu pôsta,
Adiante indico estar — 1
Adiante a mandatos von,
Atraz cumpre-me ficar. — 2

Em girau me não encontras,
Mergulhada m'has de achar.

tonieta quem parecia ter-se tornado a favorita de M. d'Avrigny, e que havia herdado de Magdalena o privilegio de tudo dizer-lhe. Demais, M. d'Avrigny elogiava sem cessar Antonieta na presença de Amaury, e mais de uma vez tinha dado a entender que Amaury concordaria com elle abandonando os projectos que elle mesmo outr'ora havia formado sobre seu pupilo e Magdalena, para voltar suas vistas para aquella sobrinha que trouxera para casa, e sobre a qual parecia ter encontrado todo o lado visível de suas affeições.

Entretanto Amaury e Magdalena, cegos pelo costume não tinham visto n'essas singularidades de M. d'Avrigny mais do que contrariedades momentaneas, e não uma dôr real. Elles tinham pois ficado com sua

convicção, e um dia brincavam como crianças que eram, coccendo em redor do bilhar Magdalena para defender uma flôr que Amaury queria tirar-lhe, quando de repente a porta se abriu, e M. d'Avrigny appareceu:

— Muito bem, disse elle, com certa amargura que começava a notar-se em suas palavras, o que significa esta criança? ainda estas nos teus dez annos, Magdalena? E tu, Amaury, ainda estás no tempo dos quinze? Acaso julgam este o tempo em que corriam sobre a relva do castello de Leoville? porque queres tomar essa flôr que Magdalena tem razão em recusar-te? Eu suppunha que só os pastores e pastoras da opera faziam d'esses passos choregraphicos, parece que me enganei.

Sou a primeira.—1
 Ainda a primeira — 1
 Agora a terceira — 1
 E agora? a primeira.—1

O conceito?
 Eu já o explico:
 Sou bis mulher,
 E n'isto fico.

POR A. DE M.

Stou no reino vegetal—4
 Entre seis também estou—4
 Com tal nome a humanidade
 Certo tempo appellidou—2

Sou nome de homem,
 Parei nas Folhinhas
 Não has de encontral-o;
 Vê lá se adivinhas.

Perto—1
 Depressa—1
 Sentimento.—1

Em certo santo
 Vai procurar;
 Eu te affianço
 Que has de encontrar.

F. A. COSTA.

— Mas, meu pae, aventurou Magdalena, que julgava até então que M. d'Avrigny gracejava, e que acabava de perceber que elle nunca estivera tão serio; mas, meu pae, ainda hontem....

— Hontem não é hoje, Magdalena, tornou seccamente M. d'Avrigny: obedecer assim ao passado é renunciar ao futuro; na verdade, não sei porque razão renunciaste aos brinquedos e ás bonecas; se não queres reconhecer que com a idade os deveres e as conveniências mudam eu me encarregarei de fazel-o lembrado.

— Porém, meu bom tutor, tornou Amaury, parece-me que sois bem severo para nós; iratai-nos como muito crianças. Ah! meu Deus, tantas vezes me dissestes que uma das bondades de nosso

Pendo garbosa d'animal valente
 Augmentando-lhe a graça e formosura.—2
 Milito sem mim a vida amargurada
 Passara inda mais triste, inda mais dura.—2

Dizei, homem valente e corajoso,
 O que em Roma vos fez republicano?
 Se foi affronta vil que recebestes
 Se horror a monarchia ou ao sob'rano!
 X.

No Vademecum das damas
 Esta letra é a primeira. — 2
 Caminha por uma estrada
 Que não consente poeira — 3

Lida c'o o pobre, c'o o rico,
 Com o rei, com o villão,
 E para agradar a todos
 Precisa ter perfeição.

A explicação da charada do p.^o
 antecedente é — **Amorim**.

seculo era os meninos julgaem-se homens.

— Talvez lhe dissesse isto, Sr., mas a respeito d'essa rapaziada de collegio que se occupa da politica, para esses Richelieu de vinte annos, que se fazem homens de estado, para esses poetas que fazem do desencanto uma decima musa. Se nada d'isso é na realidade, conserve-lhe ao menos as apparencias; demais venho para fallar-lhe de cousas graves. Retira-te, Magdalena.

Magdalena sahio lançando para seu pae um d'esses bellos olhares supplicantes, que outr'ora alirandava sua colera, mas sem dúvida elle lembrou-se por quem esses bellos olhos supplicavam, e conservou-se indifferente e irritado.

Ficando só com Amaury, M. d'Avrigny





